Dayse Lúcide Silva Santos

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM HISTÓRIA

Montes Claros - MG, 2010

AUTORA

Dayse Lúcide Silva Santos

Graduada em História/FAFIDIA/UEMG. Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – FAFICH/UFMG, Professora do Curso de História da UAB/UNIMONTES e Professora Substituta do Curso de Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM.

SUMÁRIO DA DISCIPLINA

APRESENTAÇÃO

O presente caderno de Métodos e Técnicas da Pesquisa em História é parte constituinte dos materiais fundamentais da sua formação em História pela UAB/Unimontes.

Este material didático foi produzido tendo em vista que o seu processo de formação como pesquisador não se esgota apenas nesse instante do curso. Por isso, esteja atento(a) à configuração da matriz curricular do nosso curso, notadamente à disciplina Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) a qual você cursará a partir do 6º módulo.

Você deve estar se perguntando qual o motivo de falar de uma disciplina que sequer foi vista e que pertence ao sexto módulo. Podemos responder a você que as disciplinas do seu curso estão todas interligadas e não seria diferente com Métodos e Técnicas de Pesquisa.

Figura 01: Teremos nós chegado ao ponto de tudo o que temos para dizer ter já sido dito? Fonte: http://micromacropuzzle.blogspot.com/2009_06_01_archive.html Acesso em 29/01/2010.

Nesse momento procuraremos cultivar a sementinha da dúvida, da indagação, da curiosidade, tal qual o modo como a pesquisa histórica vem se desenvolvendo na atualidade, ou seja, como história-problema. Para tanto, na primeira unidade, vamos nos perguntar e buscar compreender a questão: "Como fazer pesquisa em História?" Para responder a essa indagação elaboramos alguns tópicos para a primeira unidade, quais sejam:

1.1Contando histórias
1.2 Método e metodologia
1.3 A pesquisa quantitativa e qualitativa
1.4 Modalidades da pesquisa
a) Pesquisa Descritiva
b) Pesquisa Documental
c) Pesquisa Bibliográfica
1.5 Alguns métodos e técnicas utilizados na História
a) As técnicas
b) Os métodos
1.6 Fontes de pesquisa em História: noções de documentos.

Considerando as metodologias, técnicas e fontes para construirmos a História é importante definirmos também o nosso projeto de pesquisa. Como bem faz um arquiteto (que não constrói a sua casa antes de planejar, de saber quais instrumentos usar, os materiais, o espaço, as medições, etc.), nós também, assim procederemos! Construiremos o nosso projeto de pesquisa em História na segunda unidade. Para tanto, dividimos a segunda unidade nos seguintes tópicos:

2.1. Apontamentos gerais
2.2. Delimitação do tema
2.3. Especificação do quadro teórico
2.4. Procedimentos metodológicos e fontes de investigação
2.5. Construindo seu cronograma de atividades
2.6. Cuidados com a redação científica
2.7. Partes constituintes do projeto de pesquisa

Esses itens contribuirão para a construção de seu projeto. Revelarão escolhas, como a do famoso historiador italiano Carlo Ginzburg que, em entrevista recente ao Jornal Folha de São Paulo (2008), declarou:

> Revendo minha vida, poderia me perguntar: quais foram as escolhas cruciais? De certo modo, a vida é como um jogo de xadrez, em que as jogadas cruciais já ocorreram bem antes do xeque-mate. Assim, quando seleciono um momento em que penso ter feito uma escolha decisiva, é possível perceber que já havia limitações, constrangimentos. Minha opção pela história ilustra bem o que quero dizer. Quando era adolescente, queria me tornar romancista como minha mãe, mas logo desisti ao perceber que seria um mau romancista. No entanto, meu envolvimento com a arte da escrita é algo que ainda faz parte de mim. Diria que é como um dique ou um fosso: quando se bloqueia a água, ela se desvia com força para uma direção vizinha. Assim, minha paixão pela ficção se tornou parte de minha paixão pela escrita da história. (GINZBURG, 2008)

Assim como Ginzburg, você já encontrou resposta para seu interesse pela História? A curiosidade, a investigação, os detalhes, o desafio, o desvendar das tramas, etc. são aspectos que podem compor a sua resposta. Certamente você elencará diversos outros. Ginzburg, por exemplo, não conseguiria fazer outra coisa senão produzir, pensar e sentir a história. Sabe como ele chegou a essa conclusão? "Desvendando os caminhos da pesquisa histórica" à luz de muito estudo e de uma sólida formação. Algo semelhante à mensagem contida na figura.
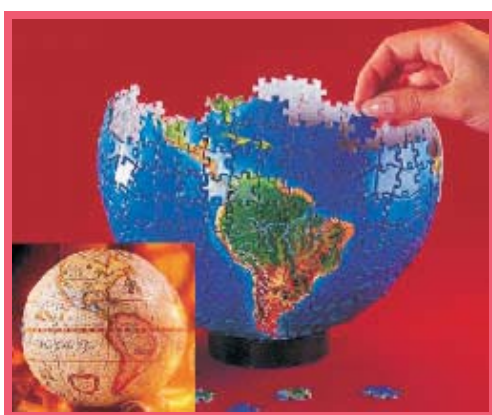
Figura 02: Fim do mundo.
Fonte: http://micromacropuzzle.blogspot.com/2009_06_01_archive.html Acesso em 24/04/2010.

Lembra-se quando os seus professores em alguns momentos de suas aulas utilizaram a expressão: "Preste atenção! Isto pode ajudá-lo em seu projeto de pesquisa."? Certamente eles buscaram chamar a sua atenção para que você entendesse:

- o modo como os historiadores fizeram suas pesquisas;
- as fontes que os historiadores utilizaram para entender a história num dado momento e local;
- a maneira como as fontes foram abordadas; e
- as indagações que os mais diversos historiadores se propuseram a desvendar em suas produções.

Agora é a sua vez! Vamos desvendar os caminhos pelos quais muitos já passaram para entender Clio? Sendo assim, resta desejar boas vindas ao desafio da pesquisa histórica!

Bom estudo!

Profª Dayse Lúcide Silva Santos

UNIDADE 1

COMO FAZER PESQUISA EM HISTÓRIA?

INTRODUÇÃO

O conhecimento do passado consistirá, então, em sua interpretação e organização a partir de problemas e através de conceitos. O resultado final é um passado que o presente tem necessidade de conhecer. O tempo reconstruído da história-conhecimento está, e isto é explicitado, a serviço do presente. (FEBVRE, apud REIS, 1994: 33)

"Como fazer pesquisa em Historia" é praticamente o mesmo que se perguntar: "como é que podemos produzir o conhecimento histórico?". Esta unidade de estudo se propõe a responder tal indagação evidenciando para você os desafios, as técnicas e as metodologias que o historiador pode utilizar para "fabricar seu mel".

Bom estudo!

1.1 CONTANDO HISTÓRIAS

A investigação em História requer um pressuposto básico: a dúvida/problema dentro de uma dada cultura, pois a

Cultura é um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2004, p.15).

Sendo assim, você já observou que podemos problematizar tudo? Ao debruçarmos nosso olhar sobre os problemas e levantarmos hipóteses verificáveis entenderemos que a construção da História é processual.

Isso quer dizer que, assim como as Ciências, a História está em construção. E cabe ao historiador a tarefa de construir as interpretações e análises, mesmo que divergentes, pois que sempre construímos visões sobre o passado. Ora, então o historiador não fala a verdade absoluta dos fatos?

Vamos nos lembrar que para pensarmos em verdade absoluta teríamos que retornar ao século XIX e participar de sua ânsia em contar a verdade absoluta dos acontecimentos. Atualmente isso mudou muito. Desde a Escola Histórica dos Annales (1929) que esse ideal absoluto foi questionado. Hoje sabemos que a nossa produção, como pesquisadores de História, não tem mais a pretensão de atingir a verdade absoluta, pois

entendemos que a realidade social é por natureza indescritível, imensurável e que as verdades são interpretações, que os olhares são diversos e que o historiador é marcado pela subjetividade, mesmo agindo de modo a alcançar a objetividade. Sendo assim, sabemos que por meio de métodos históricos podemos aproximar muito dessa realidade, mas não nutrimos o sonho/desejo de atingir a verdade dos fatos, pois que esta é inatingível em sua essência.

Figura 03: Passeata
Fonte: http://rogeliocasado.blogspot.com/2009_07_01_archive.html Acesso em 26/01/2010

Discuta no fórum a imagem constante na figura. Cada um de vocês interpretará a seu modo a mensagem da figura 03.

Descubram quantos olhares são possíveis sobre ela.

Esse será um exercício de percepção/impressão de uma dada realidade sob muitos olhares.

Na figura 03 (retirada de um blog da internet) podemos perceber diversos aspectos de uma dada realidade. Um deles, por exemplo, são as formas de protestos dos trabalhadores que fazem uma "marcha" e a divulga na internet. Chartier será o historiador que nos ajudará a pensar sobre a relação do pesquisador e seu objeto de estudo cujos temas sejam dos dias atuais, pois

> (...) o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. (...) Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói. (CHARTIER, 1996, p. 216).

O desafio do historiador é grande e apaixonante! Enfrentar esse desafio é estar apaixonado pela existência humana sob a lente histórica. Você que aceitou tal provocação deve estar atento(a) às mais diversas formas de expressão sócio-cultural, pois que o "real" é complexo, sendo que muitos papeis sociais são improvisados e o processo histórico ultrapassa uma

suposta racionalidade que por vezes o investigador insiste em atribuir uma única abordagem para os fenômenos estudados. Existem tramas e estratégias surdas, implícitas, quase imperceptíveis. Os sinais, as pistas, devem ser algo a ativar a atenção e o "faro" do historiador para a sua investigação.

É também por esse motivo que a História atualmente não procura encontrar leis externas ao homem, leis determinantes e que não podem ser controladas (exemplo disso são interpretações que fez no passado com a aplicação da teoria marxista).

É mais profícuo para o conhecimento histórico pensar em pressões exercidas pelos próprios homens e mulheres, pressões essas determinadas, mas não determinantes dos seus comportamentos e ações em sociedade. Com esse entendimento podemos compreender o fragmento da poesia de Ferreira Gullar:

> (...) a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não têm voz. (FERREIRA GOULLAR, 1930)

"O nosso canto" pode ir além. O historiador não mais se fartará de histórias de grandes homens presos em suas decisões de gabinete. É preciso "ir onde o povo está" e desvendar as mais diversas formas histórico-culturais da expressão humana. Todavia, esteja sempre atento para não cair em armadilhas da nossa racionalidade. A investigação histórica exige que o pesquisador se afaste da noção de subordinação das dimensões do social, de visões dicotômicas da realidade social, de hierarquização ou compartimentação do saber e das diversas dimensões da vida. Ainda, é fundamental perceber que o processo histórico deve ser apreendido longe de olhares preconceituosos e com a capacidade de romper com a noção de linearidade, de progresso e evolução.

Desse modo, você que construirá o seu projeto de pesquisa nesse momento poderá evidenciar o sentido das ações, das omissões, das estratégias de homens, mulheres e as mais diversas instituições, notadamente a ação dos atores sociais até pouco tempo não contemplados pela História. As possibilidades de interpretação, de olhar, de sentir, de perceber, são múltiplas. Caberá a cada indivíduo/pesquisador lapidar o seu olhar para perceber a complexidade das dimensões da vida. Sendo assim, a História não tem um sentido único, inevitável, linear. Antes, ao contrário, ela possui sentidos múltiplos e multifacetados, dependendo da subjetividade de quem olha o de quem olha o que, como olha e quando olha.

Método Científico: um instrumento utilizado pela Ciência na sondagem da realidade, mas um instrumento formado por um conjunto de procedimentos, mediante os quais os problemas científicos são formulados e as hipóteses científicas são examinadas. (GALLIANO, 1986, p. 32)

Agora é com você! Mas, como fazer a pesquisa histórica? Iniciemos na definição de método e metodologia.

1.2 MÉTODO E METODOLOGIA

ATIVIDADES

Analise a figura 4 sobre O Método Científico e discuta no fórum dessa disciplina:

"Quais são os diferentes modos para chegarmos ao conhecimento?"

Figura 04: Charge métodos científicos
Fonte: http://lusodinos.blogspot.com/2008/12/mtodo-cientfico-vs-criacionista.html acesso em 24/04/2010.

A figura 4 nos aponta algumas interrogações sobre o método científico. Podemos afirmar que a figura trabalha a ideia do método para as ciências exatas. Entretanto, em outras áreas do conhecimento é possível perceber o que ela aponta como "ponto alto": um método para se chegar ao conhecimento.

Em nosso dia a dia ouvimos constantemente os termos: método e metodologia. Quase sempre pensamos que esses termos são equivalentes, certo? Vejamos a definição apresentada pela professora Marilena Chauí:

> A palavra método vem do grego methodos, composta de meta: através de, por meio de, e de hodos: via, caminho. Usar um método é seguir regular e ordenadamente um caminho através do qual uma certa finalidade ou um certo objetivo é alcançado. No caso do conhecimento, é o caminho ordenado que o pensamento segue, por meio de um conjunto de regras e procedimentos racionais, com três finalidades:
>
> 1. conduzir à descoberta de uma verdade até então desconhecida;
>
> 2. permitir a demonstração e a prova de uma verdade já conhecida;

3. permitir a verificação de conhecimentos para averiguar se são ou não verdadeiros.

O método é, portanto, um instrumento racional para adquirir, demonstrar ou verificar conhecimentos. (CHAUÍ, 2000, p.199)

Agora que esclarecemos a ideia de “método”, certamente devemos nos perguntar como é que essa lógica se apresenta nas Ciências Humanas, área na qual está inserido o conhecimento histórico.

Não podemos nos esquecer que a História pretende compreender e interpretar o sentido das ações humanas, bem como os seus diversos modos de expressão e representação expressos na cultura, nos desejos, nos comportamentos, nas transformações históricas, enfim, em toda expressão, criação e invenção humana ao longo do tempo.

Ainda, é importante distinguir metodologia de método. Assim, podemos afirmar que a metodologia é o conjunto de procedimentos empregados na realização/execução de um estudo/pesquisa. Sendo assim, o método é responsável pela cientificidade do trabalho do historiador no ofício de desvendar e interpretar as complexas teias que constituem a História.

Podemos afirmar que os tipos de pesquisa, quanto a sua natureza, são: qualitativa e quantitativa. Já, quanto às modalidades da pesquisa em História, essa classificação pode ter a seguinte especificação: pesquisa descritiva, pesquisa documental, pesquisa bibliográfica. Ainda, vale destacar que o método utilizado na pesquisa histórica necessita das Ciências Sociais e Humanas e pode ser denominado de: método de história oral, método indiciário, método de montagem, método de descrição densa, etc.

1.3 A PESQUISA QUANTITATIVA E QUALITATIVA

A classificação dos tipos de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais requer o procedimento de identificar a natureza de sua pesquisa. Logo, você deve pensar se fará uma abordagem qualitativa ou quantitativa do objeto a ser analisado/estudado, ou ambas. De todo modo, deve ter em mente sempre que há uma interpenetração nesses dois modos de pesquisar. Todavia, é preciso perguntar: o que significam esses termos? Que característica tem uma pesquisa histórica que se possa dizer que é qualitativa ou quantitativa?

Figura 05: Capa do Livro Os Métodos da História
Fonte: http://pesquisaecia.blogspot.com/2008_05_01_archive.html acesso em 29/01/2010

A obra “Os métodos da História" escrita por Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Pérez Brignoli, aborda a evolução recente da ciência histórica a partir do caminho percorrido pela história linear dos fatos singulares à história das estruturas, as linhas de força da evolução recente, a história quantificada e suas correntes e a ciência histórica no presente. Em seguida trata da evolução recente a partir dos limites da quantificação e da econometria retrospectiva, dos limites entre historia econômica e historia total, os historiadores e as estruturas e a metodologia e dependência cultural. Logo após versa sobre Marxismo e história no século XX, a partir da concepção marxista da história da década de 20 até o momento presente, a influencia do marxismo no pensamento histórico contemporâneo e em relação à história da América Latina. Depois traz a história social, os sentidos dessa expressão, os dados econômicos, estrutura social e estratificação, movimentos e lutas sociais e as mentalidades coletivas. Em seguida, o método comparativo na História, a definição,importância e vantagens. Armadilhas e perigos na aplicação do método, precauções necessárias, as formas e os resultados da aplicação do método comparativo.
Fonte: http://pesquisaecia.blogspot.com/2008_05_01_archive.html acessoem29/01/2010

Quadro 1: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa

	Pesquisa Quantitativa	Pesquisa Qualitativa
Pressuposição básica	A realidade é construída de fatos objetivamente mensuráveis.	A realidade é constituída de fenômenos socialmente construídos.
Objetivo	Determinar as causas dos fatos	Compreender melhor os fenômenos.
Abordagem	Experimental.	Observacional.
Papel do Pesquisador	Ten de a ser imparcial e neutro.	Participante, não-neutro.
Análise dos dados	Análise preponderantemente estatística dos dados	Análise subjetiva dos dados.
Generalização	Alto índice de generalização.	Possibilidade de generalizar baixa ou nula.
Área das Ciências	Mais comum nas Ciências Naturais.	Mais comum nas Ciências Sociais e Humanas.
Principal desvantagem	Perda da informação qualitativa.	Alta dependência da subjetividade do pesquisador.

Fonte: APPOLINÁRIO, Fabio. Metodologia da Ciência. São Paulo: Editora Pioneira Thomson, 2006, p. 61-2.

DICAS

Em História é comum encontrarmos estudos quantitativos na chamada História Demográfica.

Vamos conhecer um trabalho histórico realizado segundo esse pressuposto?

Acesso o site: http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20310.pdf

e retire o texto do pesquisador Dr. Marcelo Magalhães Godoy (2007)
O primado do mercado interno: A proeminência do espaço canavieiro de Minas Gerais no último século de hegemonia das atividades agroaçucareiras tradicionais no Brasil.

Leia e debata com seus colegas o modo como o autor analisou os dados quantitativos.

Fonte: http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20310.pdf acesso 29/01/2010

Em material organizado pela professora Marta Valentim, da Universidade Estadual de São Paulo (2008), podemos apreender que:

> o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. (CHIZZOTTI, 2006).

Vale ressaltar que:

- A pesquisa qualitativa fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais, apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, visto que foca fenômenos complexos e/ou fenômenos únicos.
- A pesquisa qualitativa pode ser aplicada em três diferentes situações:
- A evidência qualitativa substitui a simples informação estatística relacionada a épocas atuais e/ou passadas;
- A evidência qualitativa é usada para captar dados psicológicos que são reprimidos ou não facilmente articulados como atitudes, motivos, pressupostos, quadros de referência, etc.;
- A evidência qualitativa foca, por meio da observação, indicadores do funcionamento de estruturas e organizações complexas que são difíceis de mensurar quantitativamente. (VALENTIM, 2008)

Sobre a pesquisa quantitativa destacamos para você que:

- A pesquisa quantitativa supõe uma população de objetos de observação comparável entre si;
- A pesquisa quantitativa enfatiza os indicadores numéricos e percentuais sobre determinado fenômeno pesquisado;
- A pesquisa quantitativa apresenta gráficos e tabelas, comparativas ou não, sobre determinado objeto/fenômenos pesquisados.
- A pesquisa quantitativa pode ser aplicada juntamente com a pesquisa qualitativa.

Vejamos exemplos de textos que trabalharam o processo de pesquisa por meio de levantamentos de dados trabalhados quantitativamente:

Exemplo de texto resultante de levantamentos quantitativos:

Minas Gerais foi durante o século XIX e início da centúria seguinte, o mais importante espaço canavieiro do Brasil. Para a década de 1830, estima-se a existência em Minas Gerais de quase que 4.150 unidades produtivas com transformação da cana-de-açúcar. Provavelmente, a soma de todos os engenhos do litoral nordestino, do norte fluminense e do planalto paulista, as principais regiões produtoras de açúcar para mercados externos, não alcançava a metade do número de engenhos mineiros. Para este mesmo período, estima-se que aproximadamente 40% da força de trabalho escrava de Minas, mais de 85.000 cativos, era empregada, sazonalmente, na fabricação de açúcar, rapadura e aguardente. É grande a probabilidade de que em nenhum outro espaço canavieiro, em qualquer período da história do Brasil escravista, tenha sido empregado contingente desta magnitude. Ainda para a quarta década do Oitocentos, estima-se que Minas produzia em torno de 33.200 toneladas de açúcar e rapadura e mais de 22 milhões de litros de aguardente. As informações disponíveis indicam que a produção paulista de açúcar não superava 8.500 toneladas e a de Pernambuco estava em torno de 27.000. As exportações de açúcar da Bahia não perfaziam 30.000 toneladas, as do Rio de Janeiro não alcançavam 17.000 e Alagoas e Sergipe exportavam juntas menos de 6.000 toneladas"(Godoy, 2004: 525-557).

Fonte: GODOY, Marcelo Magalhães. No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio – Um estudo das atividades agroaçucareiras tradicionais mineiras, entre o Setecentos e o Novecentos, e do complexo mercantil da província de Minas Gerais. São Paulo: FFLCH/USP, 2004. Tese de doutorado.

Exemplo de texto resultante de pesquisa qualitativa utilizando jornais.

Desde o século XVIII a sociedade diamantinense vivenciava descaminhos que sobrepujavam a ordem normatizadora da Igreja e do Estado português. Práticas como o concubinato, ou a constituição de ampla descendência ilegítima eram comuns no então denominado Arraial do Tejuco, fato notoriamente ilustrado pelo relacionamento vivido pela mulata Chica da Silva e o contratador de diamantes (1). Ao longo desse período, mas principalmente no decorrer do século XIX, por meio do projeto moralizador do Bispado de Diamantina, que a Igreja preocupou-se em delimitar com mais clareza a formação moral e os papéis sociais que os cônjuges deveriam cumprir na sociedade local. Tais papéis podem ser ilustrados nos conselhos que o Bispo D. João Antônio dos Santos dava aos maridos:

1º Amar a esposa como Jesus Christo ama sua Igreja;
2º Respeitá-la como sua companheira;
3º Dirigi-la como lhe sendo sujeita;
4º Guardar-lhe todo amor e fidelidade;
5º Sustentá-la com decência;
6º Sofreá-la com paciência;
7º Ajudá-la com caridade;
8º Repreendê-la com benignidade;
9º Exortá-la ao bem com palavras, ainda mais com exemplo;
10º Não ofendê-la nem desonrá-la por fatos nem por palavras;
11º Não fazer, nem dizer coisas em presença dos filhos, ainda que pequenos, que lhes posam servir de escândalo (2)

As obrigações que o Bispo listou para o marido indicavam que o papel ideal do homem no seio da família deveria ser o de provedor do lar e de mando, sendo fiel à esposa e fornecendo o exemplo modelar a ser seguido pelos demais membros sob sua proteção.

Para a mulher, D. João também se preocupou em orientar sobre o seu papel na vivência conjugal. Assim, elas deveriam:

1º Amar o marido;
2º Respeitá-lo como seu chefe;
3º Obedecer-lhe com afeto e prontidão;
4º Adverti-lo com descrição e prudência;
5º Responder-lhe com toda a mansidão;
6º Servi-lo com desvelo;
7º Calar quando o vir irritado;
8º Tolerar com paciência seus defeitos;

9º Não ter olhos, nem coração para outro;

10º Educar catolicamente os filhos;

11º Ser muito atenciosa e obediente para o sogro e sogra;

12º Benévola com os cunhados;

13º Prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda a família.

Quando se observa o papel definido pelo Bispo para a esposa em relação ao marido ressalta-se o papel de subordinação que cabia à mulher. Logo no parágrafo segundo, enquanto cabia ao marido "respeitar a esposa como companheira", o mesmo respeito era cobrado da mulher, mas numa posição de sujeição devido à condição de chefe do núcleo familiar ocupado pelo marido. Foram também acrescidos mais dois pontos importantes em relação aos deveres do marido: tratar bem o sogro, a sogra e ser benévola com os cunhados, subordinando a mulher aos interesses do clã marital. Cabia à mulher o sustento ideológico e afetivo do núcleo familiar, por meio de deveres que exigiam das mesmas: mansidão, recato, fidelidade, prudência e subordinação. Em ambas as obrigações, o amor conjugal vem em primeiro lugar, denunciando a parceria entre amor e convivência dos casais para construir um lar feliz. Mas ao homem estava destinado o mando e a liderança do lar, à mulher, a obediência, a resignação e o servilismo.

Esse projeto moralizador implementado pelo clero diamantinense desde a época do Bispo D. João Antônio dos Santos (1863) teve continuidade com o Arcebispo D. Joaquim Silvério de Souza (1905) e utilizou-se do argumento de que em Diamantina assistia-se à perigosa "transição dos costumes" com o intuito de diminuir as transgressões às normas instituídas. Tal projeto deveria estender-se às comunidades que estavam sob os cuidados da Mitra de Diamantina. Os Jornais e as Visitas Pastorais tornaram-se peças importantes nesse processo.

---

1. FURTADO, Júnia Furtado. Pérolas Negras – mulheres livres de cor no Distrito Diamantino. In: FURTADO, J. F. (org) *Diálogos Oceânicos. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. 81-121 e FURTADO, J.F. Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes:* o outro lado do mito. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

2. Soffel-a = sofreá-la = reprimir.

3. ABAT, Arquivo particular de Antonio Torres (APAT), caixa nº 01, doc. 206. Texto manuscrito. Neste documento optou-se em atualizar a grafia.

Fonte: Adaptado de: SANTOS, Dayse Lúcide. O padrão idealizado de família e de mulher em Diamantina e região. UNIMONTES Científica, v. 5, p. 57-25, 2003.

Observe que a pesquisa que trabalha com dados quantitativos preocupará em analisar esses dados de modo a explicá-los, interpretá-los, tendo em vista o conhecimento histórico. No primeiro exemplo, o autor precisou levantar dados quantitativos para proceder à sua análise e as relações por ele realizadas. No segundo exemplo, de modo geral, ficou patente a análise do discurso veiculado em jornais, os quais nada têm de “inocentes” e representam o modo de pensar de uma dada instituição social.

Feita essa distinção, passemos adiante na discussão quanto às modalidades da pesquisa.

1.4. MODALIDADES DA PESQUISA

A pesquisa histórica tem por objetivo trabalhar com dados, registros, documentos que façam parte da história construída pelos homens e mulheres em diversos tempos. O historiador se ocupa da ação dos indivíduos, dos movimentos, das instituições, bem como de diversos eventos da História ao longo do tempo. Neste sentido, o seu trabalho deve ser guiado pela pesquisa.

Vejamos algumas de suas modalidades:

a) Pesquisa Descritiva

Nessa modalidade de pesquisa você irá observar, registrar, correlacionar e descrever fatos ou fenômenos relativos a uma dada sociedade/realidade. Esse tipo de pesquisa é ideal para o estudante que tem como problema aspectos da realidade social atual.

A grande característica dessa pesquisa é o procedimento de seleção de porções aleatórias da população/sociedade estudada objetivando alcançar conhecimentos empíricos da sociedade atual. Sendo assim, em geral, não haverá a necessidade de você trabalhar com a totalidade da sociedade objeto de sua análise, mas com porções desta.

Metodologicamente é fundamental pensar alguns passos:

- 1º: Realizar busca na literatura sobre o seu tema visando aprofundá-lo e/ou compreendê-lo melhor;
- 2º: Levantar informações coletadas na realidade observada;
- 3º: Lançar mão de diversos instrumentos de coleta de dados, tais como questionários, observação, entrevista, registro fotográfico, etc.
- 4º: Explicitar as razões que levaram você a escolher uma dada sociedade para análise, logo, a sua amostra para estudo deve ser relevante;
- 5º: Analisar os dados coletados à luz da literatura vigente de modo a refletir sobre a sociedade, tecendo comparações, críticas e análises, aprofundando o seu problema de pesquisa.

As pesquisas em geral possuem técnicas diversas que nos fazem chegar até uma dada informação. Podemos destacar os questionários, a observação e a entrevista.

Ao fim e ao cabo, podemos realizar os seguintes destaques para a pesquisa descritiva:

- observa, registra, correlaciona e descreve fatos ou fenômenos de uma determinada realidade sem manipulá-los.
- procura conhecer e entender as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos que ocorrem na sociedade.
- caracteriza-se pela seleção de amostras aleatórias de grandes ou pequenas populações sujeitas à pesquisa, visando obter conhecimentos empíricos atuais.
- o objetivo é trabalhar com dados relativos à atualidade, observando uma determinada realidade para explicar um determinado objeto e o(s) fenômeno(s) relacionados à problemática da pesquisa.

b) Pesquisa Documental

Em geral definimos a pesquisa documental como sendo aquela que utilizará documentos que, para o historiador, constituem as fontes de seu estudo, as pistas e os indícios pelos quais vai perseguir as respostas para suas indagações. Você já visitou arquivos municipais e estaduais, igrejas, museus, sindicatos e bibliotecas públicas? Nesses locais encontramos diversos documentos que podem ser analisados. Tais documentos estão inseridos em determinados contextos e fornecem informações sobre o mesmo, sendo, portanto, de suma importância para o historiador.

Figura 06: O historiador dispõe de certos meios científicos para alcançar conhecimentos e, além disso, se serve de certa sistematização, ou seja, põe em ordem os resultados obtidos pela pesquisa.
Fonte: http://fscastro.blogspot.com/2007/04/o-estudo-histrico-comea-quando-os.html acesso em 27/01/2010

Acesse o endereço da Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, Ano I - Número I - Julho de 2009

http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Page973.htm

Baixe o artigo intitulado: Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas

Leia atentamente o texto e discuta com o seu professor a ideia central do artigo no fórum de discussão.

Os mais diversos processos históricos vivenciados pela sociedade deixaram pistas, traços, pegadas sobre as quais o historiador debruça-se para compreender/interpretar uma sociedade em estudo, contextualizando-a, problematizando-a.

Você deve estar se perguntando como proceder para efetivar uma pesquisa documental. Podemos destacar alguns passos fundamentais, a saber:

- 1º: identificação das fontes ligadas ao seu projeto de pesquisa;
- 2º: conhecimento, ao máximo, de informações referentes às fontes utilizadas, desde sua procedência à fabricação, datação, enfim, dados mais objetivos;
- 3º: seleção de documentos mediante levantamento anterior.
- 4º: reflexão constante sobre os dados/informações que encontrar ao longo da pesquisa guiado também pela literatura sobre a temática pesquisada.

Diversos são os lugares de pesquisa onde o historiador possa “beber” para produzir o seu “mel”. Vejamos.

Arquivos do Poder Executivo, cuja documentação em geral é encontrada nos Arquivos Públicos Municipais, Estaduais ou no Arquivo Nacional.(...) Mais oportuno para estudos regionais são os Arquivos Municipais e Estaduais, primeiro passo para situar a documentação pertinente ao objeto de estudo.

Arquivos do Poder Legislativo, nos quais Atas e Registros guardam a legislação original e debates em torno das aprovações ou não de leis (...).

Arquivos do Poder Judiciário, em que Inventários e Testamentos são imprescindíveis para o conhecimento e dimensão do rol de pertences e objetos que figuravam no cotidiano que se pretende recuperar.

Arquivos Cartoriais, nos quais Notas e Registro Civil dão conta de propriedades e respectivas descrições físicas.

Acervos institucionais, a exemplo dos antigos acervos dos Departamentos de Obras Públicas, que guardam toda a sorte de plantas, mapas e projetos arquitetônicos do Governo do Estado ou do Município.

Arquivos Eclesiásticos, responsáveis por registros paroquiais, processos e correspondências da Igreja Católica, que ganham particular importância para o historiador do patrimônio (também, da família e outros), em especial para os bens da Colônia e do Império. (...)

Arquivos privados, que reúnem documentos particulares de indivíduos e famílias, por vezes alocados em Memoriais ou Fundações, e que facilitam enormemente o conhecimento de um personagem, de políticas de seu tempo e mesmo de uma época. É o caso da coleção de fotografias de Marc Ferrez, hoje de propriedade do Instituto Moreira Sales (...)

> Museus, que reúnem documentos pertinentes às suas temáticas, permitindo a visão contextualizada e abrangente de determinados temas, assuntos e/ou objetos de estudos de interesse patrimonial. (...)

Fonte: Adaptado de MARTINS, A.L. Uma Construção Permanente. In: PINSKY, C.B e LUCA, T.R. (orgs). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 293-5.

Vale ainda lembrar que, para além dos lugares de pesquisa descritos é obrigatória a referência a uma gama de documentos que o historiador lança mão para construir a interpretação histórica. Sendo assim, os cartões postais, os diários íntimos, os livros de literatura, os filmes, as fotografias em álbuns de família, cartas, anotações de memórias, caderno escolar, desenhos, pinturas, músicas, poesias, projetos arquitetônicos, contos, casos, depoimentos, selos, notas, caricatura, técnica de construção de bens culturais, etc. são fontes que informam sobre os homens e mulheres na experiência da vida. Vejamos um fragmento de texto acadêmico produzido a partir da análise de jornais:

> As elites juiz-foranas buscaram adequar-se ao modelo de vida proposto pelas elites da Corte, o Rio de Janeiro. A imprensa local noticiava com freqüência os eventos relativos à boa sociedade juiz-forana, destacando os laços que uniam as famílias mais prestigiadas da região. O Pharol, por exemplo, cuidava em que as ocasiões especiais na vida dos membros das famílias mais destacadas da cidade fossem divulgadas. Lindolpho de Assis, que substituiu Dupin à frente do jornal em 1885, estabeleceu uma coluna intitulada Correio das Salas, onde eram noticiados os aniversários dos líderes locais e de seus familiares. Antes dele Dupin já fazia questão de destacar os feitos dos filhos da elite, como quando se bacharelou "em sciencias sociaes e juridicas o illustrado academico Sr. José Miranda Ribeiro" (Pharol, 18/11/1877); Lindolpho louvou a aprovação, no segundo ano da Faculdade de Direito do Recife, do Sr. Luiz Penna, que passava suas férias em Juiz de Fora (Pharol, 10/04/1886). Feitos mais singelos, como a doação de uma talha d'água para a escola do sexo masculino, feita pela "menina Almerinda Silva", filha de 10 anos de Alberto Henrique Corrêa e Silva, eram igualmente exaltados (Pharol, 20-21/01/1887). No novo século republicano, a prática foi mantida:
>
> Consórcio // Realizou-se sábbado, conforme noticiamos, o casamento do sr. dr. Oscar Vidal Barbosa Lage, digno vereador pela cidade, com a gentil senhorita Maria Violeta Belfort de Arantes, dielcta filha do sr. coronel Alexandre Belfort de Arntes, importante lavrador e capitalista neste município. // O acto civil effectuou-se às 4 ½ horas da tarde na fazenda de Salvaterra, de propriedade do pae da noiva e do sr. coronel João Gualberto de Carvalho. Presidiu a esse acto o 1º. juiz de paz da cidade, sr. commendador Manoel José Pereira da Silva, servindo de escrivão o sr. Herculano Gopnçalves da Silva. // Foram testemunhas por parte da noiva, o sr. coronel João Gualberto de Carvalho e sua exma. sr.a d. Anália de Campos Carvalho, e por parte do noivo, o sr. dr. Carlos de Figueiredo Rimes. [segue a descrição da festa]. (Jornal do Commercio, 09 /01/1906)

Os jornais publicavam também notícias de outras partes do mundo – a morte de Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina, por exemplo, foi evento muito destacado (Jornal do Commércio, 20/01/1906). Durante a década de 1880, o principal jornal da cidade, O Pharol, publicou textos literários e folhetins dos autores estrangeiros e brasileiros mais conceituados, como Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant, Paul Féval, Gustave Le Bon, Alexandre Dumas; Machado de Assis, Arthur Azevedo, Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro. Estes folhetins apontam para a existência de públicos leitores diferentes, em relação às notícias políticas.

Os anúncios publicados na imprensa de Juiz de Fora também sinalizavam a difusão de hábitos e costumes modernos:

A elite juiz-forana encontra tais artigos em diversas lojas da cidade, anunciantes regulares no Pharol. Móveis austríacos e norte-americanos, massas italianas, gelo, livros europeus, vinhos portugueses, cervejas fabricadas à moda alemã, roupas no melhor estilo, médicos da Corte, dentistas ingleses, alfaiatarias que seguiam a moda européia, como a "Paris an America", relojoeiros, professores de francês, piano, música, alemão, "tachygrafia", tudo que fosse necessário a uma vida civilizada. Que o discurso da civilização estava presente, e que este vinculava-se à imagem construída para a cidade fica claro no seguinte anúncio: "CONFEITARIA rua Halfeld 10. Pontes Junior & Comp; attendendo a uma das mais palpitantes necessidades desta florescente cidade, que com razão é denominada - sala de visitas da província de Minas -, acabam de montar uma confeitaria[...]". (GOODWIN Jr., 1996, p. 206)

Tais tentativas de demonstrar fausto e cultura exaltavam e valorizavam o enriquecimento e a modernização da região. Além de centro cafeicultor desde a década de 1820, Juiz de Fora foi também o pólo urbano de uma agricultura voltada para o abastecimento do mercado regional. O capital gerado pelos negócios agrícolas produzia excedentes, aplicados principalmente através de empréstimos, na produção local – e mesmo na industrialização. Os trabalhos de Anderson Pires destacam a importância da *"existência de um capital originado na atividade agroexportadora do município sendo aplicado na própria atividade agroexportadora"*, como prenúncio *"de um circuito financeiro local relativamente delimitado e autônomo"*, que eventualmente possibilitou a constituição de instituições bancárias na praça de Juiz de Fora.

Fonte: GOODWIN Jr., James William. As Cidades de Papel: Imprensa, Progresso e Tradição. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Dissertação de Doutorado em História Social. Orientadora: Profa. Dra. Inez Garbuio Peralta. Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo, FFLCH/USP, 2007, p. 55-7 (mimeo).

c) Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica - ou o que comumente chamamos de pesquisa de referências - é parte constituinte de todo e qualquer projeto de pesquisa. Ora, você já deve ter cansado de ouvir a expressão: "Você não está inventando a roda! Faça o favor de ler o máximo sobre o tema que escolheu". Quando ouvimos esse tipo de frase devemos atentar para a questão que o nosso trabalho ainda carece de leituras sobre o tema em questão.

Sendo assim, o grande objetivo desse tipo de pesquisa é levantar informações (opiniões) as mais diversas em livros, dissertações, teses, artigos, dossiês, relatórios, etc. sobre o tema e problema de pesquisa que você utilizará em seu projeto.

Você precisa ser perspicaz, atencioso (a), cuidadoso em suas anotações sobre a literatura consultada. Esse tipo de pesquisa requer sistematização, disciplina e capacidade de aprofundar e correlacionar as diferentes opiniões sobre o tema em estudo. Ao proceder à leitura, grifos, relacionar as obras lidas e proceder a anotações pessoais sobre um dado estudo, procure sempre estabelecer as correntes teóricas e as concepções veiculadas nos estudos dos pesquisadores, as suas posições, suas fontes, o método utilizado, assim como os autores em que eles se apoiam.

Alguns passos que contribuirão com o seu trabalho:

- 1º: Definir o tema e o problema de sua pesquisa;
- 2º: Identificar e selecionar a literatura pertinente à pesquisa;
- 3º: Identificar as contribuições do seu estudo para o campo científico da História;
- 4º: Delimitar com clareza o alvo da pesquisa, buscando evitar desse modo dúvidas e “desvios” da pesquisa desejada;
- 5º Ler, anotar, comparar todos os livros, artigos, teses, etc. selecionados. Analisar os argumentos apresentados pelo autor e posicionar-se em sua pesquisa.
- 6º Defender sua argumentação com propriedade, ou seja, utilizar argumentos passíveis de verificação e comprovação e/ou indícios fortes;

Exemplo de texto produzido com base em uma pesquisa bibliográfica.

As fazendas primitivas, de caráter misto, lavoura de cereais e criação de gado, se destinavam a suprir os mercados locais. Conforme narrava o Marques do Lavradio, Vice-rei do Brasil, no relatório de 1779, o verdadeiro sistema da Capitania era trabalharem uns na lavras e descobertos e outros nas roças, a fim de não faltarem os meios de subsistência.

Não praticamos, por isso, em Minas, no século do ouro, a monocultura. Mesmo depois, com o advento do plantio do algodão, da cana, do fumo e finalmente do café, não tivemos fazendas exclusivas de um desses produtos. Prevaleceu a tradição das fazendas mistas de agricultura e pecuária, de acordo, aliás, com a mais moderna técnica agronômica.

Enganam-se, por conseguinte, os escritores que colocam a agricultura mineira no quadro geral da estrutura agrária do Brasil com três caracteres fundamentais: grande propriedade, monocultura e trabalho escravo(1).

A afirmação original de Daniel de Carvalho, em 1953, em seu artigo Formação Histórica das Minas Gerais, foi de fato analisada, à luz de

uma pesquisa documental mais robusta, somente na década de 1980, com a publicação dos estudos sobre mineração, trabalho escravo, indústria têxtil e demografia pelos historiadores MARTINS e LIBBY, seguidos de MARTINS e PAIVA (2).

Esses estudos apontaram para a compreensão de Minas Gerais como uma Província que, ao longo do século XIX, não pode ser caracterizada, exclusivamente, como uma economia mineradora exportadora (3).

No primeiro quartel dos oitocentos, os dois maiores setores exportadores mineiros estavam em crise – o aurífero e o diamantífero. A produção de ouro havia declinado de uma média anual de 10.356 quilos entre 1736-51 para 1.883 quilos entre 1801-20. Os veios tinham se esgotado e as tecnologias de mineração subterrânea eram pouco utilizadas pelos mineiros. De um lado, algumas experiências primavam pela utilização de técnicas que visavam à extração rápida do minério sem um planejamento sistemático da escavação. O transporte do minério para superfície era rudimentar e as notícias sobre a inundação das galerias eram constantes. Por outro lado, os processos de refinamento ou redução, adotados na Capitania, no início do século XIX, guardavam profunda defasagem tecnológica em relação às minerações inglesas e norte-americanas do mesmo período, o que levava a uma redução do nível de produtividade e aproveitamento de matéria-prima.

A partir de 1820 começaram a se instalar em território mineiro as minerações inglesas, que entre 1824 e 1834 já eram contadas em seis. Esses empreendimentos exigiam somas vultosas de capitais para se instalar. Além dos equipamentos, boa parte importada da Europa, o proprietário tinha que arcar com os custos da compra de escravos, montagem das instalações e recrutamento, no exterior, de quadros técnico-administrativos especializados, geralmente ingleses, visto a sua inexistência local. Não houve alternativa, senão, recorrer-se ao capital estrangeiro para o financiamento.

Os investimentos na mineração subterrânea podem ser divididos em dois períodos. Um primeiro até a década de 1850, que coincide com o fechamento da Imperial Brazilian Association (Gongo Soco) e outro, a partir de década de 1860, com a abertura de quatro novas companhias inglesas. Com algumas exceções, essas companhias não foram lucrativas e tiveram vida breve, confirmando a tendência verificada no final do século XVIII de decadência dos veios auríferos. Das companhias estrangeiras instaladas na Província na década de 1820 apenas duas estavam em funcionamento na década de 1860, A National Brazilian Mining Association (Macaúbas e Cocais) e a Saint John Del Rey Mining Company (Morro Velho). A Imperial Brazilian

Association (Gongo Soco) foi satisfatoriamente lucrativa nos primeiros anos de funcionamento da década de 1830. Entre os anos de 1829 e 1833 a produção anual ultrapassou os 1.000 quilogramas de ouro, gerando dividendos para os acionistas. Nos anos 1855-56 sua produção anual estava na casa dos 25 e 29 quilos, respectivamente, denunciando a franca decadência da mina.

---

1. CARVALHO, Daniel. Formação Histórica das Minas Gerais. In Primeiro Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerias. 1956. op. cit. p. 25.
2. Os estudos sugeridos são os seguintes: MARTINS, Roberto Borges. A Economia Escravista em Minas Gerais no século XIX..., 1980; LIBBY, Douglas Cole. O Trabalho Escravo na Mina de Morro Velho, 1979; MARTINS, Roberto Borges & MARTINS, Maria do Carmo Salazar. As exportações de Minas Gerais no século XIX., 1982; MARTINS, Maria do Carmo Salazar & PAIVA, Clotilde A. et alii. Relatório de Pesquisa.... 1985; LIBBY, Douglas Cole. Transformação e Trabalho em uma Economia Escravista.... 1988.
3. MARTINS, Roberto Borges. A Economia Escravista em Minas Gerais no século XIX.. 1980. p. 6.

Fonte: Adaptado de FERNANDES, A.C. O Turíbulo e a Chaminé. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, Julho/2005, p.46-9

1.5 ALGUNS MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NA HISTÓRIA

Para auxiliá-lo no processo de construção de seu trabalho de pesquisa é importante considerar que a técnica é um instrumento específico inserido num método. Entretanto, a pesquisa em História tem exigido uma combinação de técnicas e métodos, visando dar conta de melhor analisar a complexidade da realidade social. Na figura 07, observe que há a lógica da pesquisa. Excluiremos apenas o item que lembra a experimentação, próprio das Ciências Exatas. Como você sabe, as Ciências Humanas não lidam com experimentação, principalmente a História. De todo jeito, esteja atento ao processo da observação, da construção da hipótese, do levantamento de dados e da necessidade de sempre repensar o conhecimento obtido.

Figura 07: Método Científico.
Fonte: http://www.esb.ucp.pt/twt/pepino/MyFiles/MyAutoSiteFiles/TrabalhoExperimental313788688/samorais/Metodo_Cientifico.JPG Acesso em 27/01/2010.

Sendo assim, a figura nos lembra o quanto é importante pensar livremente de modo crítico e criativo, relacionando evidências e explicações, confrontando diferentes perspectivas de interpretação científica. Para isso sugere-se que os estudos realizados devam ter por base a observação direta, utilizando todos os sentidos, a seleção de amostras, bem como a experimentação e é importante que, desde o início, você faça registros das suas observações, de forma a que você construa um método de trabalho e de observação (ALMEIDA, 1998). Sempre deve haver planejamento de investigação; devem-se proporcionar situações de aprendizagem centradas na resolução de problemas, com interpretação de dados, formulação de problemas e hipóteses, previsão e avaliação de resultados.

a) Os métodos

Podemos destacar alguns caminhos muito utilizados na construção/interpretação da História atualmente. Como você já sabe, a História atua hoje de modo interdisciplinar, trabalhando na fronteira com diversas disciplinas, como por exemplo, a Sociologia, a Antropologia, a Linguística entre outras. De acordo com o seu problema de pesquisa, suas indagações e as características de suas fontes, você pode utilizar o método de descrição densa, indiciário ou montagem.

O historiador Carlo Ginzburg, em "O queijo e os vermes", propõe o chamado paradigma indiciário, comparando o trabalho do historiador a um detetive, considerando que o mesmo precisa decifrar enigmas e dar a ver um enredo ou segredo. O que o move são as suspeitas e as pistas que vai encontrando no processo da pesquisa. É preciso ir além do que é dito, do visto e do representado. O olhar volta-se para os detalhes e as nuances. Como o médico, o historiador busca os sintomas para compreender os sentidos. Como um crítico de arte, o historiador perscruta além do primeiro plano que é visto e busca os detalhes para analisá-los em relação ao conjunto. (PESAVENTO, 2004)

Walter Benjamin imagina um caminho semelhante. Para definir o seu método, ele o denominou como sendo o método de montagem. Assim, considera que é preciso percorrer os traços e registros do passado para realizar com estes uma construção, ou melhor, um quebra-cabeça que produzirá algum sentido, pois que as peças desse quebra-cabeça irão se articular compondo e justapondo, "cruzando-se em todas as combinações possíveis, de modo a revelar analogias e relações de significado. Ou então se combinam por contraste, a expor oposição ou discrepâncias." Diante de tudo isso, algo será revelado, conexões serão desnudadas, explicações se oferecem para a leitura do passado. É este o método da grelha ou de cruzamentos. (PESAVENTO, 2004, p.65)

Por fim, podemos ainda falar do trabalho "Interpretação das Culturas", de Clifford Geertz, onde o método de descrição densa é delinea-

do.Nesse método a realidade observada é descrita em seus mínimos detalhes e correlação de significados possíveis, explorando as fontes em seu significado mais profundo. Utilizando esse método não iremos apenas descrever densamente o objeto, mas aprofundar a análise do mesmo, explorando todas as possibilidades interpretativas que ele oferece, o que poderá ser dado por meio de um intenso cruzamento com outros elementos observáveis no contexto ou fora dele. Assim, de acordo com esse método, pode-se dizer que a história seria uma ficção controlada. (PESAVENTO, 2004)

Não se esqueça também que a micro-história pode ser entendida como um método da história, a qual é capaz de realizar recorte temático específico, relacionando sempre com um assunto mais amplo. Dois autores vêm se destacando: Giovanni Levi e Carlo Ginzburg. No livro "O Queijo e os Vermes" de Ginzburg veremos que o autor cria a possibilidade do conhecimento de uma figura histórica popular (o moleiro), aspectos/contexto de sua época, tanto no campo cultural e social, como no econômico e político.

b)As técnicas

A História utiliza a técnica do estudo de campo, originário da Antropologia e incorporado à História a partir da aproximação observada entre essas ciências. Você já ouviu dizer sobre a atitude interdisciplinar, certo? Tecnicamente esse é um bom exemplo de tal atitude.

O estudo de campo tem a vantagem de contribuir para os estudos históricos em profundidade. O termo "campo" é utilizado no sentido de que é o escopo da pesquisa e não apenas um lugar geográfico. Tais estudos são marcados pela flexibilidade, exigindo reformulação, sempre que necessária, dos pressupostos da pesquisa, dos objetivos e de suas hipóteses ao longo da mesma. Ao utilizar essa técnica, você terá que realizar a observação direta das atividades de uma dada sociedade, buscando compreender as explicações, visões e sentidos que os diferentes testemunhos dão aos fenômenos sócio-históricos. Você associará à sua observação outras técnicas, como a gravação, filmagem, análise de documentos e de fotografias.

Figura 08: Índios botocudos, 1909.
Fonte: Fotografia de Walter Carbe. http://imagenshistoricas.blogspot.com/2009/11/indios-do-brasil.html acesso em 27/01/2010.

O pesquisador que lança mão do estudo de campo desloca-se pessoalmente para realizar o trabalho, buscando-se aproximar da experiência direta da comunidade que estuda.

A partir das figuras você pode imaginar que há a necessidade do pesquisador se ocupar em estudar os índios ou os quilombolas, por exemplo. O pesquisador terá que permanecer o máximo de tempo possível junto à comunidade estudada, pois a imersão em tal realidade facilita a apreensão e o entendimento de regras, costumes, escolhas, etc. que fazem parte da vida cotidiana de um dado grupo social em estudo. As análises são feitas a partir da observação no caderno de campo, das gravações, entrevistas, etc.

Figura 09: Quilombola.
Fonte: http://raizculturablog.wordpress.com/2008/02/07/somos-quilombola/ acesso em 27/01/2010.

Outra técnica de pesquisa muito utilizada nas investigações em geral e também na História, é o estudo de caso. Tal tipo de estudo individual permite aprofundar a compreensão sobre um dado processo sócio-histórico. Em geral, o uso do estudo de caso serve para o pesquisador que deseja realizar comparações, contextualizações e informa-

Figura 10: Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Ouro Preto, é um dos símbolos do Barroco do século XVIII.
Fonte: http://www.clickeducacao.com.br/2006/enciclo/encicloverb/0,5977,POR-2718,00.html acesso em 25/01/2010

Figura 11: Interior de Igreja Barroca em Diamantina.
Fonte: http://cineabertocidadesdigitais.blogspot.com/ acesso em 25/01/2010

Hipoteticamente escolhemos como problema a análise das expressões barrocas da cidade de Diamantina/MG. Após exaustivo estudo sobre o barroco e seus modos de expressão, nessa cidade colonial, vamos comparar com as formas apresentadas do barroco mineiro na cidade de Ouro Preto, quiçá no Brasil. Certamente teremos que realizar uma vasta revisão de bibliografia para nos atualizarmos e informarmo-nos sobre os problemas e hipóteses que outros pesquisadores já levantaram sobre o tema (o barroco mineiro) de nossa pesquisa.

Utilizar esse procedimento na pesquisa justifica-se para explorar as diversas dimensões da vida dos diferentes sujeitos sociais; preserva-se o caráter individual do objeto em estudo e tem-se a capacidade de relacionar com o seu contexto de modo eficiente; facilita a formulação de hipótese e/ou o desenvolvimento/teste de teorias científicas. É necessário ter grande cuidado e rigor no planejamento, execução e coleta de dados propostos quando se faz um estudo de caso, buscando evitar incorreções nas análises e puros acúmulos de dados difíceis ou impossíveis de analisar e interpretar.

Você já ouviu falar (senão até chegou a executar) sobre algum estudo com base na história oral? Trabalharemos agora com a técnica de história oral.

Tal técnica (por meio de entrevistas) constitui um procedimento verbal com propósito bem definido, geralmente lançando mão de questionamentos prévios (os quais podem ser revistos no momento da entrevista, segundo a criatividade do pesquisador). Vale lembrar que as entrevistas devem ser gravadas e autorizadas pelos depoentes. Em caso da não aceitação da publicação do nome da testemunha, o pesquisador deve criar um pseudônimo para a mesma.

Nessa técnica, o objetivo maior do pesquisador é compreender os significados atribuídos pelos sujeitos a eventos, personagens, intenções, ideias, enfim, cada entrevistado é considerado sujeito cultural que tem sua interpretação sobre o tema perguntado. Quanto mais diversificadas forem as

opiniões, maior a possibilidade de observar a complexidade da sociedade, objeto de estudo. Por isso, é importante procurar atingir diversos segmentos da sociedade em tela.

As entrevistas podem ser estruturadas (relação fixa de perguntas), semiestruturadas (entrevista por pautas) ou não-estruturadas (informal). Em História oral a entrevista informal raramente é utilizada, pois pode dificultar muito a análise acurada e de credibilidade dos resultados da pesquisa.

Vale destacar que a História Oral e a História de Vida lançam mão da entrevista para buscar os dados a serem analisados pelo pesquisador. Na história oral, o pesquisador procura reconstituir, através dos sujeitos envolvidos, um período ou evento histórico. Na história de vida, o pesquisador está interessado na trajetória de vida dos entrevistados, com o objetivo de associá-la a situações presentes, em contextos sociais amplos, não sendo simples biografia etapista e cronológica, mas análise acurada do contexto, das relações, das ações e impressões sobre os indivíduos de uma dada época.

Após todas as situações descritas falta ainda nos debruçarmos sobre as fontes da história.

ATIVIDADES

Analise as figuras e procure responder às questões:
·quem produz uma linguagem,
- para quem produz,
- como a produz e
- quem a domina.
Debata sobre esse assunto com os seus colegas e com o professor, num chat criado por este.

1.6 FONTES DE PESQUISA EM HISTÓRIA: NOÇÕES DE DOCUMENTO

> Para esses historiadores [dos Annales] o acontecer histórico se faz a partir dos homens. Daí o documento histórico se produzir com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Nesse caso, ao documento incorporam-se outros de natureza diversa, tais como objetos, signos, paisagens, etc.
> (VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY, 1995, p. 14-15).

Figura 12: Festejo Popular
Fonte: http://ecosdotelecoteco.blogspot.com/2009_09_01_archive.html acesso 27/01/2010

Em todos os lugares, ocasiões e momentos históricos em que se possa perceber o modo como os homens deram sentido a sua existência através de documentos, imagens ou quaisquer "cacos" que apresentem pistas sobre tal sentido, é documento da História. Ferreira Gullar, em sua poesia, nos lembra que "o canto não pode ser uma traição à vida", assim como a História não pode e nem deve deixar de buscar as pistas "dos seus" onde quer que ela esteja.

Figura 13: Barco à vapor
Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_IFbnGmCMKmI/SB3FrIMMzyI/AAAAAAAAAC4/hz6msyfaLSU/S760/pirapora_27.jpg acesso 27/01/2010

Nesse sentido, devemos entender o documento no seu sentido lato. Todas as manifestações humanas tornam-se objeto do historiador que as busca por meio dos vestígios mais diversos: escritos, objetos, palavras, música, literatura, pintura, arquitetura, fotografia.

Entretanto, o documento não fala por si. Ele deve ser indagado pelo historiador. A intencionalidade do historiador é vista num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento histórico e a intenção do pesquisador ao escolher os documentos. O ponto de partida da investi-

gação passa do documento para o problema. Tudo isso para que possamos perceber que a História é construída por homens reais, vivendo as relações mais diversas em todas as dimensões do real.

É por isso que hoje utilizamos os mais diversos documentos que aqui procuramos categorizar do seguinte modo:

a) fontes documentais

b) fontes orais

c) fontes imagéticas

Exemplificando essa categorização, vejamos exemplos...

Exemplo 1. Fonte documental: Aqui, o pesquisador manipula documentos encerrados em diversos arquivos públicos ou particulares, museus, universidades, centros de pesquisa, etc. e produz seu texto final. Vejamos um exemplo de texto produzido a partir da análise de um processo criminal.

Em junho de 1913, estando Álvaro, 24 anos, casado, lavrador, na casa do também lavrador Vicente de Paula e Silva, numa festa de casamento da filha mais jovem de Vicente, assistiu à tentativa de sua amante, Maria Eutália de Jesus, de ser chamada para dançar uma valsa com Cândido Matias, 24 anos, lavrador, solteiro. Insatisfeito com a situação, Álvaro pegou a sua garrucha e disparou em Eutália.(1) A prisão em flagrante foi realizada. Entretanto não foi possível precisar o tempo que o réu permaneceu na cadeia, pois dez anos depois do ocorrido, o Gabinete de capturas da polícia recebeu o mandato de prisão para Álvaro. Após esse despacho passaram-se mais quatro anos para que o processo fosse finalmente arquivado (1934). Também não existem detalhes do caso, senão informações curtas e incompletas.

O fato que saltou aos olhos nesse caso foi uma carta que a vítima escreveu para o advogado de defesa, procurando justificar a inocência do réu no processo. Assim,

Ilmo Sr Joaquim Elias Ribeiro.

Desejo ao Sr e a Exma família boa saúde e felicidade sabendo eu que V. Sa é o advogado do Sr Álvaro de Aguiar que no mês passado estando muito embriagado disparou em mim um tiro por estar com a cabeça emchada (sic), pois que eu estava dançando com outro e eu tendo a elle muita amizade e vendo que foi por loucura delle e estarmos justo para casar logo que elle arranje com a justiça [de] desfazer do casamento delle, eu peço ao Sr dizer o tiro eu perdoou por não valer nada, por que sarei em menos de 15 dias e tenho a elle arrependimento, eu quando soube o que tinha jeito, mas como não tive de cama se não mais de cinco dias estou sã e espero se Deus quiser me casar com elle (...) (grifo nosso)

Nesta carta de Maria Eutália de Jesus percebe-se claramente alguns dos artifícios utilizados na tentativa de inocentar o amante e

conseguir que ele fosse solto da cadeia. Ao afirmar que o réu estava embriagado, Maria pretendia com isso atenuar ou justificar um ato impensado de ofensa física grave praticado contra ela por parte de Álvaro. Tanto os homens quanto as mulheres utilizaram-se desse argumento obtendo relativo sucesso. Entretanto, as testemunhas do caso afirmaram que Álvaro nada tinha bebido naquela noite. Apesar do réu ser casado, sobre a sua vida familiar, nenhum comentário foi anotado no processo. Ao que tudo indica, era um casamento praticamente desfeito (talvez o caso de abandono do lar) ou pelo menos assim desejava Maria Eutália. Desta maneira, era preciso que o mesmo saísse da cadeia e resolvesse a sua separação judicial, para então poder viver maritalmente com a mesma.

A mulher, neste caso, preferiu utilizar-se de uma arma interessante: perdoar e dizer-se arrependida por ter dançado com outro homem, fato que teria desagradado Álvaro. Almejava, assim, convencer as pessoas que ele não estava errado, pois tentara defender a sua "amada". Percebe-se uma variação entre submissão e artimanha: uma arte de explorar condições favoráveis para alcançar seus objetivos. Teria Eulália se amasiado com Álvaro? Indagação de difícil resposta. O certo é que o réu não moveu nenhum processo de separação judicial, nem de nulidade de casamento ou ainda de divórcio eclesiástico, contra a sua primeira mulher. A prática mais comum (que poderia ter sido o caso de Álvaro) entre homens e mulheres era a de deixar a esposa e filhos (caso houvessem) e constituir outra família à revelia das vias legais.

---

1. Arquivo da Biblioteca Antônio Tôrres/ABAT, Cartório Crime, Processo de Álvaro Aristides de Aguiar (réu) e Maria Eutália de Jesus (vítima), maço nº 300, data: 20/06/1913 a 17/12/1927. Dois anos antes, uma arma que Álvaro usava descarregou e acertou um rapaz que estava à sua frente levando-o à morte, segundo relato das testemunhas.

Fonte: SANTOS, Dayse Lúcide. Entre a Norma e o Desejo. Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura. Orientadora: Profª Drª Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, Outubro/2003, p.162-4.

No exemplo 1, você observou que o processo criminal foi analisado em seus discursos. Veja que os dizeres da vítima, do réu, dos advogados, do juiz enfim, todos os testemunhos que figuram num processo criminal articulam opiniões que são do interesse do pesquisador. Mesmo que o processo criminal tenha como objetivo maior punir ou inocentar alguém, portanto possui uma intencionalidade, ainda assim é uma fonte de pesquisa valiosíssima para o historiador.

É impossível ter certeza do que realmente aconteceu ao pesquisarmos em processos criminais, ainda que tenhamos o desfecho daquele "caso" analisado. Mas é possível utilizar essa fonte documental, sabendo que as pessoas se expressam de modo a demonstrar suas representações, suas intencionalidades de acordo com o seu interesse, suas omissões, suas mentiras, suas verdades, etc.

Mesmo assim, essa fonte ainda é fundamental para estudarmos a sociedade, pois ali percebemos os diferentes discursos, padrões de comportamento, noções sociais de certo e errado, enfim, expressões e práticas sociais que apontam para escolhas de determinados segmentos sociais sobre os diferentes modos de viver, punir, permitir, etc.

As fontes documentais são diversas e permitem uma gama de indagações, de cruzamentos de informações. Permitem tantas indagações quanto a capacidade do historiador em questionar a fonte para construir sua interpretação do passado histórico.

Os registros de batismo, nascimento, óbito, casamento fornecem muitos dados para o historiador trabalhar. Vejamos o caso do registro civil de casamento quanto às informações que podem ser trabalhadas a partir dessa fonte:

Informações fornecidas pelo registro civil de casamento:

- data, local, nome dos cônjuges, filiação, idade, naturalidade, residência, profissão.
- nome dos pais dos cônjuges, data de nascimento, profissão, domicílio e residência.
- dados das testemunhas, como nome, idade, residência, assinatura a "rogo" da testemunha (quando não sabem ler e escrever).
- informações gerais sobre os filhos que, por acaso, hajam antes do casamento, nome, idade dos mesmos; se viúvo, nome do cônjuge falecido.

Veja a transcrição de um documento de registro civil de casamento.

Ato de casamento de José Gonçalves da Cunha e Augusta da Silva Gomes

Aos dez de Agosto de mil novecentos e três nesta Cidade de Campinas, distrito de Santa Cruz em a sala do Cartorio de Paz a rua Sacramento numero cinco as quatro horas da tarde perante o Juiz de Casamento Dr João de Assis Lopes Marins comigo Escrivão e Official seu cargo e satisfeitas as exigências legaes ao acto receberam-se em matrimo-

nio segundo a regimen cmmum os contraentes Jose Gonçalves da Cunha e Augusta da Silva Gomes, aquelle portugês com 25 annos de idade, negociante e esta com vinte e dois annos brasileira, natural desta cidade, ambos solteiros e reidentes neste districto de Paz, ambos filhos legítimos o primeiro de Antônio Gonçalvez da cunha e de Maria Carolina Paes e a segunda de Antonio da Silva Gomes e Maria das Dores Gomes, falecidos.

Testemunharam o prezente acto Antonio ferreira da cunham com cinqüenta e um annos de idade, casado, negociante residente nesta districto e Sérgio Amaral Silva, com vinte e cinco annos de idade, solteiro, commerciante, residente em Sã Carlos do Pinhal. Em fimeza do que Eu Manoel Carls Toled Leite Escrivã e Official lavrei este acto que vai PR todos assignads depois de lido e achado conforme.

[Assina] João de Assis Lopes Martins, José Gomes Alves Cunha, Augusta da Silva Gomes, Antônio Ferreira da cunha, Segio Amaral Silva, Manoel Carlos de Toledo Leite.

Arquivo Histórico do Centro de Memória da Unicamp, Coleção Registro Civil, rolo de microfilme 1390761, registro n.75.

Fonte: Adaptado de BASSANEZI, Maria Silvia. Os eventos vitais na reconstituição da História. In: In: PINSKY, C.B e LUCA, T.R. (orgs). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p.157-60

DICAS

O uso da carta de cessão é fundamental. Apresentamos a você um modelo básico:

(local e data)
Destinatário,

Eu, (nome, estado civil, documento de identidade, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em (datas das entrevistas) para (nome do entrevistador) usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

____
Assinatura

Fonte: MEIHY, J.C.S.B. Manual de História Oral. 2ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 80.

Você observou que os dados existentes num registro civil de casamento nos permitem trabalhar com quantificação. Você pode construir tabelas relacionando esses dados e "ler" as informações seriadas por você por meio de tabelas, de gráficos etc., sempre atento à legislação, que também vai se adaptando às práticas sociais de convivência.

Exemplo 2. Fontes orais: depoimentos

Quando falamos em entrevistas, não podemos nos esquecer que existem na História, atualmente, pesquisadores que se ocupam em trabalhar com a chamada História Oral, que reúne uma série de definições, procedimentos, tempos e modalidades importantes, a saber:

- Definições: esta categoria trabalha com a memória, a qual pode ser compartilhada ou não por grupos sociais. Também o esquecimento, que pode ser voluntário ou involuntário, apresenta-se para o pesquisador com igual importância. O que emerge sempre de uma entrevista são versões dos fatos e/ou fenômenos, nunca uma verdade objetiva.

- Tempos diferentes: tempo da gravação, da confecção do documento escrito e da análise do material coletado.
- Procedimentos - estabelecido o que será pesquisado por meio de um projeto de pesquisa, você:
    - definirá o grupo de pessoas a serem entrevistadas (escolha pessoas de diferentes segmentos sociais, idades e sexo, buscando obter variedade de opiniões, visando alcançar maior compreensão da complexidade da sociedade analisada);
    - definirá as perguntas a serem realizadas no momento da entrevista a qual deverá ser gravada (pode ocorrer que o depoente não aceite a que a entrevista seja gravada, nesse caso, você deve anotar as respostas);
    - fará a transcrição da entrevista obtendo de seu depoente a autorização de uso do depoimento em sua pesquisa (carta de cessão);
    - utilizará pseudônimo para o entrevistado caso o mesmo exija sigilo sobre o seu depoimento;
    - providenciará cópia do depoimento cedido a você pelo entrevistado;
    - procederá à análise das entrevistas em seu estudo.
- Modalidades: história oral de vida, história oral temática e tradição oral (em geral, o seu objeto de pesquisa exigirá uma dessas modalidades). Vejamos o texto como exemplo dessas modalidades:

MIGRAÇÃO: a migração, bem como a imigração, é um dos campos mais vastos que serve tanto para historia oral de vida como para temática e tradição oral.

Em se tratando de história oral de vida, o registro do trajeto do imigrante deve obedecer também, no possível, ao critério cronológico, devendo considerar a vida pretérita da pessoa e do grupo antes da saída do lugar de origem, a motivação para a viagem, o trânsito e a chegada ao lugar de destino, a adaptação e o desenvolvimento da integração como metas primordiais do registro.

No caso de estudos temáticos, deve-se considerar a busca de especificidades que se perdem na generalização. Se, por exemplo, como um ano de 1958, na situação do nordeste brasileiro, como um ano de fundamental importância, e se quisermos relacionar essa onda imigratória ao contexto nacional do governo JK, à ação dos padres que propunham a reforma agrária, às ligas camponesas e a outros fatores que direta ou indiretamente estavam atuando na época teremos de fazer uma leitura atenta daquele tempo e proceder a um questionário apurado, compatibilizando os fatos contextuais com os específicos de cada grupo.

A questão da imigração e da imigração para trabalhos de tradição oral é interessante porque podem se basear em referenciais míticos que sempre têm fundo heróico. Ulisses, por exemplo, é permanente fonte de inspiração para a leitura das aventuras dos migrados. Como se fossem semideuses de um cotidiano desgraçado, as vidas de comunidades podem ser aproximadas pela equiparação do imitativo mínimo. Assim, por exemplo, como Ulisses deixou sua mulher, Penélope, e saiu pelo mundo, os homens, na situação do nordeste brasileiro, também muitas vezes vêm sós para o sul. Como essa, outras situações podem ocorrer, como a evocação de quixotes da modernidade industrial. A lenda da "mulher de branco", presente em algumas aldeias de Portugal, liga-se à prática da saída dos homens, desde os tempos coloniais, tanto para povoar as terras do reino, como mais recentemente, para a pesca, e, nesse caso, o mito da mulher que ataca, à noite, os homens explicaria uma situação social.

Fonte: MEIHY, J.C.S.B. Manual de História Oral. 2ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 56-7.

Destacamos para você uma situação voltada para as modalidades de história oral. Vale analisarmos uma entrevista, mesmo que de modo rápido, para que possamos destacar alguns cuidados necessários com os depoimentos. Vejamos:

Exemplo de Cabeçalho para transcrição de Depoimentos

Dados do Entrevistador e do projeto:
Nome: ____Data: ________
Nome do Projeto: ____
Dados do Depoente
1)- Nome completo:____
2)- Local e data de nascimento:________________________________
3)- Endereço atual:
Rua ____nº _____
Bairro:________________ Cidade: ______________Estado_________
Cep: ________________________ Telefone: __________________
4)- Doc. de identidade: ______________________________
5)- Profissão atual:__________________________________
Profissões anteriores:________________________________

Exemplo de uma transcrição de Depoimentos

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS - CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Ficha Técnica
Tipo de entrevista: história de vida
Entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Lucia Hippolito
Levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Lucia Hippolito
pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Lucia Hippolito
Conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias
Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes
Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Data: 24/11/1983 a 13/02/1984
Duração: 20h 30min
Fitas cassete: 21
Páginas: 351

FRANCISCO TEIXEIRA
(depoimento, 1983/1984)

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e desempenho das elites políticas brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde sua criação em 1975.

Temas: Aeronáutica, Anticomunismo, Clube Militar, Conspirações, Eduardo Gomes, Escola Naval, Forças Armadas, Francisco Teixeira, Golpe de 1964, Golpe de Estado, Governo Getúlio Vargas (1951-1954), Governos Militares (1964-1985), Henrique Teixeira Lott, Integralismo, Marinha, Militares, Militares E Estado, Ministério da Aeronáutica, Nacionalismo, Repressão Política, Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

L.H. - Brigadeiro, o senhor que é um militar de carreira e que ficou a sua vida profissional inteira nas forças armadas é ao mesmo tempo uma pessoa que durante toda a sua carreira fez política nas forças armadas. Como o senhor se vê na condição de militar inserido dentro da política das forças armadas?

F.T. - Eu não fui propriamente um político, não fui, fui um militar preocupado com problemas políticos. Acho até que me tornei mais político depois de 64, depois que larguei a vida militar. Agora, como político

hoje, ou como militar ontem, ou como militar político, hoje eu penso que amadureci muito o meu pensamento sobre tudo o que ocorreu durante todo esse trajeto da minha vida. Não sei se estou começando pelo fim, mas acho que isso é importante.

Eu acho hoje que o que faltou à nossa luta como militares políticos, o que faltou aos partidos políticos, às forças políticas e sociais que atuaram durante esse período que acompanhei como militar, mais graduado ou menos graduado, foi um projeto realmente democrático. Eu penso que a nossa vida, no fundo, bem examinada, era muito ligada ao golpe militar. Nós, militares, éramos muito vítimas do fato de que num Estado como o brasileiro, com uma tradição autoritária como ele tem, como ele teve, os conflitos sociais, os conflitos naturais existentes dentro da sociedade civil, dentro do Estado, não eram resolvidos por mecanismos próprios da sociedade civil e da democracia, eram resolvidos com o apelo às forças armadas para intervirem.

L.H. - Com medidas de emergência, sempre?

F.T. - Sempre de emergência, para intervirem no sentido de uma ou de outra facção em conflito. Daí essa idéia de golpismo que predominava em todos. Aquilo que parece que o marechal Castelo Branco chamava de "as vivandeiras que iam para as portas dos quartéis para ..." Era o que realmente acontecia.

Eu penso que o serviço que nós podemos prestar hoje, com a experiência que tivemos de uma luta em geral e quase sempre em defesa da legalidade existente, é alertar a sociedade civil para o problema militar.

L.H. - O senhor acha que o militar, em essência é mais legalista ou mais democrata?

F.T. - Eu não sou daqueles que admitem, que aceitam ou que proclamam que as forças armadas são essencialmente democratas. Acho que não. As forças armadas também não são legalistas. A tendência das forças armadas é defender a legalidade até por uma questão de inércia, porque foram feitas para aquilo, para defender. A tendência seria essa. Mas num país como o Brasil, que cresceu muito nos últimos anos, com esses conflitos sociais, mesmo antes de 64, a tendência ao golpe era muito natural, porque havia um conflito dentro desse desenvolvimento. Então eu penso que as forças armadas são extremamente sensíveis ao pensamento predominante na sociedade civil, à opinião pública em geral. Porque o militar tem família, a família tem civis, o militar lê jornais... Por mais que seja um homem enquadrado naquelas normas rígidas de disciplina e hierarquia, ele tem uma tendência a acompanhar o pensamento predominante na sociedade civil. Veja, por exemplo, 64; não há com negarmos que o governo do Jango estava isolado. Q

Quer dizer, a opinião pública, sobretudo a classe média, a burguesia, as

classes dominantes, já tinham sido ganhas para a necessidade de acabar com o governo do Jango, tanto que eu, por exemplo, que fui preso... vocês se recordam. Não sei se talvez fossem muito meninas, a Revolução de 64, o golpe de 64 foi comemorado com papel picado em Copacabana, no Centro...

Fonte: Adaptado de TEIXEIRA, Francisco. Francisco Teixeira (depoimento, 1983/1984). Rio de Janeiro, CPDOC, 1992. 351 p. dat. http://www.fgv.br/cpdoc/historiaoral/arq/Entrevista102.pdf acesso em 27/04/2010.

Você deve ter cuidados com essa fonte, pois todos os testemunhos, intencionalmente ou não trazem a sua visão, sua interpretação dos fenômenos que vivenciou. Sendo assim, os depoimentos que você tiver em mãos são sempre interpretações que os sujeitos demonstram ter sobre uma época em que viveram. Em nosso exemplo, que trata do período militar, precisamos saber que outros testemunhos devem ser arrolados, pois senão teremos uma visão unilateral do fenômeno, objeto de estudo numa dada pesquisa.

Procure sempre cruzar informações de diferentes fontes, construa uma rede de interpretação com informações cruzadas, enriquecidas pela sua capacidade de observação e percepção, construindo a História a partir de questões de seu tempo.

Exemplo 3: Fonte Imagética: fotografia, pintura, desenho, etc

Figura 14: Ladeira do Ouvidor, 1860. São Paulo. Autor/Fotógrafo: Militão Augusto de Azevedo.
Fonte: http://www.itaucultural.org.br/AplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2804&cd_item=2&cd_idioma=28555 acesso em 27/04/2010.

DICAS

Visite o site Enciclopédia Iau Cultural – Artes Visuais segundo o link:

http://www.itaucultural.org.br/AplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=2804&cd_idioma=28555 acesso em 27/04/2010.

Navegue pela exposição de fotografias de São Paulo no século XIX.

A fotografia de Militão de Azevedo (1837-1905) retrata a cidade de São Paulo em meados do século XIX. Diversos historiadores vêm utilizando a obra de Azevedo para entender o modo como os sujeitos sociais compreenderam e construíram a referida cidade. Para tanto, foram feitas análises da fotografia, tomando-a como fonte para a História.

Assim, a fotografia, como documento iconográfico, “responde” às indagações do pesquisador, cuja leitura é carregada de subjetivismo, quanto ao seu conteúdo e nos remete a um dado passado, permitindo a reconstrução/interpretação de vivências passadas. É preciso compreender que o conteúdo da imagem não é a realidade em si, é sempre representação de um momento vivido e registrado pelo fotógrafo. Logo, essa imagem do passado é uma construção cultural feita pelo olhar de um indivíduo, que funciona como uma espécie de filtro cultural e é carregada de intencionalidade.

Quando você analisar uma fotografia é necessário ter clareza que essa fonte é perigosa e foi produzida com intencionalidade. Também, foi feita num dado momento histórico e o fotógrafo sofreu influências de sua época. Cabe a você, pesquisador, indagar: que contexto histórico foi esse? Quais as intencionalidades na produção das fotografias desse fotógrafo? Que imagem de cidade ele desejava demonstrar? A quem ou a qual segmento social essa imagem se dirigia? Os interesses eram comerciais ou particulares? Enfim, as indagações são diversas e cada pesquisador deve utilizar a sua criatividade e indagar cada vez mais às fontes para construir a história a que se propõe pesquisar.

Todo documento deve ser questionado quanto à linguagem que veicula:

- quem produz uma linguagem?
- para quem produz?
- como a produz? e
- quem a domina?

Isso expressa uma questão fundamental para a história: as pessoas são sujeitas do processo histórico! Sendo assim, a linguagem é parte constituinte da realidade social. Vejamos alguns exemplos: cinema, música, charge, literatura, foto, pintura e outros estão carregados de propostas, questionamentos, tensões, acomodações; os agentes, através das linguagens que lhe são próprias, criticam, endossam, propõem, enfim, se rebelam e se submetem. (VIEIRA, 1998, p.21).

Qualquer documento que você utilizar em sua pesquisa deve estar sempre atento ao modo como a linguagem foi produzida. Procure responder por que as coisas estão representadas de uma determinada maneira, antes de se perguntar sobre o que está representando.

Sendo assim, você dialogará constantemente com as evidências presentes no suporte imagético, escrito ou oral. Os diferentes sujeitos sociais possuem diferentes formas de pensar o real e nele intervir. Pensando e

agindo assim, você entenderá que a história é campo de possibilidades e de contradição.

Nossa próxima etapa é compreender os passos da pesquisa. Tal situação é melhor apreendida através da construção do projeto de pesquisa. É isso que faremos na unidade seguinte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M., Papel do trabalho experimental na Educação em Ciências, Revista Comunicar Ciência, Lisboa, Ano I, nº1, pag. 4-5, Outubro/ Dezembro, 1998. Disponível em http://www.esb.ucp.pt/twt4/motor/display_texto.asp?pagina=TrabalhoExperimental313788688&bd=pepino Acesso em 27/01/2010.

APPOLINÁRIO, F. Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2000.

CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.) Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundaçào Getúlio Vargas, 1996.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. Petrópolis: Vozes, 2006. 144p.

FERNANDES, A.C. O Turíbulo e a Chaminé. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, Julho/2005. Dissertação de Mestrado.

FIGUEIREDO, N. Usuário. Paradigmas modernos da ciência da informação. São Paulo: Polis/APB, 1999.

GALLIANO, A. G. Método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, c1986. 200 p.

GINZBURG, C. O queijo e os vermes. São Paulo: Cia das Letras, 2000, 309p.

GODOY, Marcelo Magalhães. No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio – Um estudo das atividades agroaçucareiras tradicionais mineiras, entre o Setecentos e o Novecentos, e do complexo mercantil da província de Minas Gerais. São Paulo: FFLCH/USP, 2004. Tese de doutorado.

GOODWIN Jr., James William. As Cidades de Papel: Imprensa, Progresso e Tradição. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Dissertação de Doutorado em História Social. Orientadora: Profa. Dra. Inez Garbuio Peralta. Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo, FFLCH/USP, 2007. (mimeo)

MARTINS, A.L. Uma Construção Permanente. In: PINSKY, C.B e LUCA, T.R. (orgs). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 279-308.

BASSANEZI, Maria Silvia. Os eventos vitais na reconstituição da História. In: In: PINSKY, C.B e LUCA, T.R. (orgs). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p.141-172.

MUELLER, S. P. M. (Org.). Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação. Brasília, Thesaurus, 2007. 190p. (Série Ciência da Informação e da Comunicação)

MEIHY, J.C.S.B. Manual de História Oral. 2ed. São Paulo: Loyola, 1996.

PESAVENTO, S. J. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REIS,J.C. A Escola dos Annales: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000, 200p.

SANTOS, Dayse Lúcide. O padrão idealizado de família e de mulher em Diamantina e região. UNIMONTES Científica, v. 5, p. 57-25, 2003.

SANTOS, Dayse Lúcide. Entre a Norma e o Desejo. Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura. Orientadora: Profª Drª Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, Outubro/2003, p.162-4.

TEIXEIRA, Francisco. Francisco Teixeira (depoimento, 1983/1984). Rio de Janeiro, CPDOC, 1992. 351p. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historiaoral/arq/Entrevista102.pdf> acesso em 27/04/2010.

THOMPSON, E. P. Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo: Polis, 2005. 176p. (Coleção Palavra-Chave, 16)

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. A pesquisa em História. 4ed. São Paulo: Ática, 1998.